

# O percurso de intervenção cívico-político de Manuel Valadares: notas para um ensaio biográfico

Augusto Fitas

Investigador do IHC-cehfc, Universidade de Évora

afitas@uevora.pt

Nado e criado na zona da Lapa em Lisboa, segundo filho de um casal da pequena burguesia comercial lisboeta; o pai, Manuel António Alves Valladares (1874-1918) (comerciante), e a mãe, Maria da Conceição Nogueira Valladares (1876-1949) (doméstica), tiveram o seu primeiro filho António Joaquim Nogueira Valladares (1902-1929) e passados um ano e dois meses nasceu Manuel José Nogueira Valadares (1904-1982). Para os jovens Valladares impôs-se a patronímia familiar: o primogénito recebeu o nome do avô materno, enquanto que o segundo herda o nome do avô paterno.

Seguindo os passos do irmão mais velho, acompanhando-o nas brincadeiras, o percurso escolar e académico na Faculdade de Manuel Valadares coincide com o período de vigência da primeira República. Entrou no Liceu Pedro Nunes no ano lectivo 1913/14 e terminou em 1920/21, o seu aproveitamento foi na generalidade *Bom*, destacando-se como disciplinas do curso geral com melhor classificação a Matemática e as Ciências Físicas e Naturais. Todo o curso dos seus estudos aconteceu sem qualquer reprovação. Talvez o facto que mais tenha perturbado a sua vida adolescente foi a perda do pai, ceifado pela pneumónica, na passagem do quarto para o quinto ano do liceu.

O caminho diariamente calcorreado entre a sua casa e o Liceu, passa, a partir de Outubro de 1921, a estender-se ao Largo do Rato e à rua da Escola Politécnica. Matriculado na licenciatura em Ciências Físico-Químicas foi durante quatro anos um frequentador dos anfiteatros e laboratórios da Faculdade de Ciências de Lisboa (FCL), acumulando, nos dois primeiros anos lectivos, o lugar de professor provisório do Liceu Pedro Nunes. Nada se sabe sobre eventuais manifestações juvenis da sua inclinação para a investigação científica, contudo, anos mais tarde, ele próprio relata aquilo que se pode considerar como a sua epifania: uma conferência no liceu Passos Manuel de Jean Perrin (1870-1942) em 1919 a que assistiu, mostrando-lhe como «devia ser realmente uma bela profissão essa de físico, que permitia avaliar uma massa tão pequena como era a do átomo de hidrogénio» [1, p.7]. Após a licenciatura (ano lectivo 1926-27) volta ao Liceu Pedro

Nunes como professor provisório e matricula-se na Escola Normal Superior. No liceu um dos colegas com quem estreitou amizade foi João Couto (1892-1968), futuro director do Museu Nacional de Arte Antiga (MNAA), que o acompanhou numa colaboração bastante profícua. No ano lectivo seguinte ocupou o lugar de assistente no Laboratório de Física (LFIS) e de assistente voluntário de física no Instituto Português para o Estudo do Cancro (futuro IPO). A colaboração entre estas duas instituições, a Faculdade e o Instituto, isto é, o estudo da radioactividade e suas aplicações, orientaram o jovem licenciado. Foram dois anos de actividade que, no dizer de um dos seus professores, mostraram a sua «aptidão e gosto pelos trabalhos de laboratório», condição que o fez, com sucesso, concorrer a uma bolsa da então recém criada Junta de Educação Nacional (JEN) [2], para um estágio em Genebra iniciado no Outono de 1929.

O clima de efervescência política e social vivida durante toda a República repercutia-se com uma grande agitação nas três universidades portuguesas e especialmente na capital. Valadares foi um espectador, eventualmente um participante na luta travada nos claustros da Politécnica, quando do assalto eleitoral à Associação de Estudantes desta Faculdade capitaneado por Pedro Teotónio Pereira (1902-1972), aluno da licenciatura em Matemáticas, um activo integralista e um dos primeiros e mais próximos colaboradores do futuro ditador do Estado Novo, apoiado também pelo seu futuro correligionário, matriculado em engenharia geográfica, Francisco de Paula Leite Pinto (1902-2000). Durante os últimos anos da República, na vida académica universitária portuguesa, excepção feita às Escolas Militares, manifestavam-se com particular relevância duas correntes ideológicas – o integralismo monárquico, defendendo os valores tradicionais, católicos, antiparlamentar e antiliberal, e o republicanismo, sustentando os valores da democracia liberal, da república parlamentar e do estado laico – que se digladiavam na conquista das direcções dos órgãos associativos estudantis. Após o 28 de Maio de 1926, de 1927 a 1931, recrudescer o clima de agitação política nas universidades com um claro empenho na resistência à ditadura militar [3]. Manuel Valadares, apesar da sua

saída do país em 1929, viveu este clima de conturbação e resistência políticas. Atente-se no facto de que, após o seu regresso ao país, já doutorado, recorreu a Francisco Mendes (1907-1975), assistente de Física desde 1932, e que, enquanto estudante, se cruzara consigo na Faculdade, como seu principal colaborador nas primícias da sua investigação [4, p.120]. O mesmo Francisco Mendes que, como presidente da Federação Académica de Lisboa, fora preso em 1931 pela polícia e libertado no dia seguinte por acção directa dos estudantes sobre o Ministério [5, p.88].

Foi depois do 28 de Maio, com a ditadura militar, apoiada pela ala politicamente mais à direita das forças republicanas, onde a contenção de despesas no ensino era uma regra (fecharam-se de imediato Faculdades e Escolas Superiores [6, p.747]), que foi criada a JEN, tendo-lhe sido atribuído, pelo Ministro das Finanças, Oliveira Salazar (1889-1970), os recursos financeiros indispensáveis para o seu funcionamento [7]. Uma iniciativa que, num quadro de contenção orçamental e fecho de várias escolas, se pode entender como forma de, perante o clima de grande agitação estudantil universitária, pacificar a contestação e mostrar que, mesmo sem planos, a ditadura se preocupava com o ensino superior.

A direcção da JEN era composta na sua maioria por figuras academicamente respeitadas, pertencentes ao mundo universitário, alguns deles comprometidos abertamente com a nova direita, outros, além de cientificamente muito reconhecidos, desalinavam politicamente da ditadura. Era neste último grupo que se integravam os nomes de Mark Athias (1875-1946) e Augusto Celestino da Costa (1884-1956), ambos professores na Faculdade de Medicina de Lisboa, e Luís Simões Raposo (1898-1934), o secretário geral e dirigente operacional da JEN, discípulo deste último e ex-chefe de gabinete do ministro que fora António Sérgio (1883-1969). Nos seus tempos de estudante, princípio da década de vinte, Simões Raposo e Duarte Pacheco (1900-1943) foram colegas na direcção da Federação Académica de Lisboa. Os primeiros bolseiros da JEN saíram do país no último trimestre de 1929 e faziam parte desse grupo, entre outros, José Rodrigues Miguéis (1901-1980), Manuel Valadares, Aurélio Quintanilha (1892-1987), Rodrigues Lapa (1897-1989), Francisco Leite Pinto.

## 1. Paris, a escola da grande aprendizagem

A bolsa de Valadares permitia-lhe estagiar no *Radium Institut Suisse* por indicação de Francisco Gentil (1878-1964), director do IPO. Uma missão que foi marcada, logo em Janeiro (dia 2), pela morte do seu irmão, António Joaquim, e à qual dedicou um grande afincamento. Tal aplicação ao trabalho levou-o, em Abril de 1930, a escrever para Simões Raposo — «no que respeita à aquisição de conhecimentos e aprendizagem de técnicas a minha missão em Genebra está concluída» —, adiantando numa outra carta, em jeito de balanço, «poderia partir daqui perfeitamente apto a montar uma instalação de colheita de radão em Lisboa (...) faltava-me, para cumprimento completo do meu contrato com a JEN, executar o meu trabalho de investigação científica» [8]. A persistência

em procurar melhores condições para a pesquisa científica, levou-o a trocar, em Novembro de 1930, Genebra por Paris: propunha-se estudar a radioactividade e é com este fito que se apresentou a uma entrevista com Marie Curie (1867-1934).

Foi na capital francesa que fez a sua aprendizagem como investigador e onde observou a importante intervenção dos cientistas franceses na vida pública, em particular na reivindicação de melhores condições de trabalho e de organização das instituições científicas. Sobre estes tempos recordou:

«(...) das quarenta pessoas que trabalhavam no laboratório quando lá estive só quatro tinham funções docentes, aliás, consumindo-lhes escassas horas semanais; todos os outros se dedicavam exclusivamente à investigação (...) a França acabava por reconhecer que para não se atrasar no movimento científico em relação a outros países era-lhe necessário criar uma nova categoria de funcionários: — o investigador (...).» [9]

Nas vésperas da sua reforma, Manuel Valadares, num Colóquio de Física Nuclear onde se assinalava o primeiro centenário do nascimento de Mme Curie, relembra o seu encontro de apresentação com a prémio Nobel:

«O jovem que, vindo do extremo ocidental do continente europeu, entrou num dia de Outubro de 1930 no gabinete de Mme Curie, estava bastante intimidado, diria mesmo, um pouco amedrontado, perguntava a si próprio como iria ser acolhido o seu pedido de estagiário no Laboratório (...) escassos minutos foram suficientes para mudar completamente a atmosfera (...) Mme Curie conseguiu convencer-me que, contrariamente ao que eu pensava, eu é que lhe estava prestando um favor ao oferecer-me para trabalhar no seu laboratório (...).»

Durante a sua estada no Laboratório Curie, os seus relatórios trimestrais mostram que se dedicou a dois temas de investigação: *Estudo por difracção cristalina de radiação  $\gamma$  emitida pelo mesotório/ rádio* — pesquisa que classifica de individual — e *Estudo do espectro  $\alpha$  emitido pelo Tório C* — trabalho feito em colaboração com Salomon Rosenblum (1896-1959), que será um dos seus parceiros dilectos na investigação actual e futura realizada em França. Os relatórios são bastante concisos e enxutos (não há apreciações subjectivas nem opiniões avulsas), alimentados pela descrição da investigação, o seu alcance e importância, e as publicações que a secundavam. Apesar desta postura, numa carta a Simões Raposo que acompanhava o exemplar de um seu *Compte Rendu* à Academia de Ciências de Paris, não se eximiu em escrever, «uma contribuição — sem modéstia, notável — para o conhecimento do núcleo atómico». Percebe-se que tinha plena consciência da importância do trabalho em que participava.

Embora nos relatórios parisienses não faça referência, sabe-se que Valadares, a pedido de João Couto e por este conhecer os seus interesse e prática científicos, frequentou o *Laboratório Mainini*, do *Museu do Louvre*, estudando os trabalhos de análise radiográfica de obras de arte [10, p.20]. Um

mester que lhe vai ser futuramente muito útil na colaboração com o MNAA.

Se o ambiente do *Institut du Radium* se vai reflectir no rendimento de trabalho de todos os investigadores e, neste caso em particular, no de Valadares, o ambiente político e de defesa da carreira de investigação, incluindo a melhoria de condições para a prática científica, vai também condicionar a sua imagem sobre o *quartier* académico e científico da *Sorbonne*. Seis meses antes da sua chegada, a 17 de Março, doutorara-se Frédéric Joliot (1900-1958) que, segundo o seu biógrafo [11], permanecia numa situação financeira bastante periclitante: só em finais de 1930 passou a bolseiro da *Caisse Nationale des Sciences* e, dois anos depois, ocupou no *Institut du Radium* a posição de *assistant*. A instabilidade e a falta de garantias sobre o futuro era a resposta que, na época, o estado francês dava aos cientistas, manifestando-se incapaz de lhes assegurar uma carreira estável e com futuro. Daí que este tema, envolvendo o meio universitário, provocasse uma ampla discussão que contribuiu para uma rápida politização e eventual radicalização do meio científico. Valadares respirou esta atmosfera que, por sua vez, se encontrava fortemente influenciada pela repercussão dos efeitos económicos e sociais da crise financeira internacional de 1929/31. Em Paris assistia-se à formação do *Comité Amsterdam-Pleyel*, uma organização criada no Verão de 1932, onde pontificavam figuras como Romain Rolland (1866-1944) e Paul Langevin (1872-1946), com a intenção de alertar publicamente contra o fascismo e a escalada belicista que se começava a sentir em países europeus. Em Portugal, nessa mesma época, vivia-se um refluxo da luta contra a ditadura e a afirmação brutal do Estado Novo (a repressão feroz que se abatera sobre as forças oposicionistas de 1929 a 1931), enquanto no país vizinho se instaurava a República que não escondia o seu apoio à oposição à ditadura salazarista. Tudo isto é observado pelos bolseiros e pesará nas suas atitudes quotidianas quer no estrangeiro, quer quando do regresso ao país.

Valadares não presenciou, a 6 de Fevereiro de 1934 em Paris, as manifestações da extrema direita francesa, exigindo a demissão do Governo, cujo embate com as forças policiais se saldou em 17 mortos e cerca de 2000 feridos. Mas deve ter sido informado por colegas do seu antigo laboratório sobre a reacção política imediata a estes acontecimentos: a formação do Comité de Vigilância dos Intelectuais Antifascistas onde sobressaíam, entre outras, as figuras científicas, que muito respeitava, de Paul Langevin, Jean Perrin, Irène Joliot-Curie (1897-1956) e do matemático Jacques Hadamard (1865-1963) [12, p.255].

## 2. De regresso a Lisboa: investigação e intervenção

Alcançado a 11 de Dezembro de 1933 o grau de doutor com a menção de *très honorable* no anfiteatro da Sorbonne perante um júri constituído por Marie Curie, Jean Perrin e André-Louis Debierne (1874-1949), regressou ao país nas vésperas do Natal desse ano. Era o segundo físico português a doutorar-se no estrangeiro, em Paris, o primeiro fora Mário da Silva (1901-1977) da Universidade de Coimbra (UC)

quatro anos antes. Regressado a Lisboa com uma grande vontade de prosseguir os seus trabalhos feitos *chez Curie*, Valadares conversou com Cirilo Soares (1883-1950), director do LFIS, sobre as possibilidades de montar o equipamento para investigação [13]. Francisco Mendes será o seu apoio, inaugurando-se a via para construir o primeiro laboratório de investigação em Física Atómica e Nuclear em Portugal [14].

O país que encontrou, politicamente, era diferente daquele que tinha deixado em 1929. O ano de 1933 marcava a institucionalização do Estado Novo: plebiscitou-se a nova constituição, instituiu-se o partido único, condicionaram-se as liberdades individuais, criou-se a polícia política (PVDE, futura PIDE), promulgou-se legislação sobre a censura, organizaram-se os Sindicatos corporativos, interferia-se declaradamente na cultura, nos gostos e nos costumes. Perante uma ditadura mais organizada, a resistência endureceu, mas a repressão endurecerá muito mais e far-se-á sentir sobre todas as esferas de acção de tal modo que em 1935 o governo de Salazar promulgou o decreto n.º 25317 onde, no seu primeiro artigo, se lia:

«(...) os funcionários ou empregados, civis ou militares, que tenham revelado ou revelem espírito de oposição aos princípios fundamentais da Constituição Política, ou não deem garantia de cooperar na realização dos fins superiores do Estado, serão aposentados ou reformados, se a isso tiverem direito, ou demitidos em caso contrário.» [15]

Um decreto justificador da resolução do Conselho de Ministros de 14 de Maio de 1935 que avançava com a primeira demissão compulsiva de, entre outros e das suas funções docentes, Adelino da Palma Carlos (1905-1992), os generais Mendes Cabeçadas (1883-1965) e Norton de Matos (1867-1955), Sílvio de Lima (1904-1993), Aurélio Quintanilha, Manuel Rodrigues Lapa, Abel Salazar (1889-1946), Eduardo Ferreira dos Santos Silva (1879-1960) e Mem Verdial (1887-1974).

Será a aplicação deste decreto que vai dar origem a um outro de alcance muito mais amplo: para pertencer a lugares do Estado e em qualquer circunstância, exige-se a declaração de «activo repúdio do comunismo e de todas as ideias subversivas» [16]. Valadares foi forçado a assinar tal atestado quer para ensinar na FCL quer para auferir o apoio do Instituto para a Alta Cultura (IAC), conforme consta no seu processo [8]. Em 1936 chegou de Paris o seu amigo, matemático e recém doutorado, António Aniceto Monteiro (1907-1980) que vai ser um dos seus companheiros dilectos na luta por exigência de condições para a investigação científica em Portugal, mas que se recusará decididamente a assinar a «declaração de repúdio» e pagará muito caro essa ousadia.

Em Paris tinham ficado colegas e amigos, alguns deles bolseiros da JEN - Aurélio Marques da Silva (1905-1965) chegou ao *Institut du Radium* pouco antes da saída de Valadares e regressará em 1938, Branca Edmée Marques (1899-1986) que estava na mesma instituição desde 1931 e voltou para Portugal em 1935, Aniceto Monteiro que iniciara o estágio

em 1931 e o matemático Manuel Zaluar Nunes (1907-1967) que começara o estágio em 1934, terminando-o em 1937. Os três primeiros voltaram a Portugal doutorados, outros, reencontrá-los-á já em Lisboa, como aconteceu com António da Silveira (1904-1985), bolsheiro no *Collège de France* que saíra para Paris em 1929 e regressara em 1932 para ser professor de Física no Instituto Superior Técnico (IST). Paris era a cidade onde se concentrava, no início da década de trinta, o maior número de bolsheiros portugueses (além dos nomeados, outros existiam que estagiavam em instituições da capital francesa), portanto era natural que esses anos de contacto forjassem interesses e ligações que haveriam de se prolongar após o retorno a Portugal.

Já depois do 25 de Abril de 1974 escreveu António da Silveira: «Em 1936, por minha iniciativa, criou-se o Núcleo de Matemática, Física e Química, constituído por antigos bolsheiros da JEN em Paris – os antigos combatentes dos tempos heróicos (...)» [17, p.23]. Ao grupo de parisienses juntaram-se outros ex-bolsheiros da JEN, Amorim Ferreira (1895-1974) e Manuel Teles Antunes (1905-1965). O Núcleo agregou ainda duas figuras relevantes da vida académica portuguesa, Bento de Jesus Caraça (1901-1948) e Ruy Luís Gomes (1905-1984), que vão desempenhar um papel central nas suas iniciativas, todavia, por não terem sido bolsheiros, não pertenciam ao corpo de fundadores.

O Núcleo, propunha-se realizar cursos e conferências de «ciência moderna, autenticamente superiores, de nível europeu», abertos a uma assistência livre e interessada: esta era a grande novidade! E a sua acção — congregando professores das três universidades — teve o efeito de uma verdadeira pedrada no charco que era o *status quo* universitário português e no dia 16 de Novembro de 1936, ao fim da tarde, num anfiteatro do IST [18], inauguraram-se as lições (entre as 18 e as 19 horas, duas a três vezes por semana). A 17 de Maio, coube a Valadares abrir o curso, “Efeito fotoeléctrico. Efeito Compton”. O anfiteatro esteve sempre repleto de estudantes e professores universitários que seguiam as lições. Nos seus três anos de vida — o Núcleo extinguiu-se em 5 de Novembro de 1939 — há que destacar os cursos e publicações que levou a cabo apesar da sua existência ser relativamente atribulada e prenunciar algumas contradições dentro da comunidade académica portuguesa [18, p.80]. Bento de Jesus Caraça anotava: «(...) 1937 (...) Começam os sintomas de desinteligências por haver quem não desista de ir para a Faculdade (Monteiro e Valadares) (...)» [19]; «(...) Silveira e Caraça estão num lado, Monteiro, Valadares e Marques da Silva estão no outro »[4, p.119].

Paralelamente à actividade científica e lectiva Valadares saltou os muros da cerca académica e, em Março de 1937, deu uma entrevista ao jornal regional *A Verdade*, publicada sob o título, a duas colunas, «A vida dos laboratórios e a investigação científica em Portugal» [8], exprimindo as suas inquietações sobre a investigação no país. Defendeu que «o critério do Instituto para a Alta Cultura de querer concentrar as actividades dos bolsheiros da Física que vão ao estrangeiro num número diminuto de campos de actividade, parece-me

o único aceitável, a dispersão conduzir-nos-ia a um fracasso inevitável». Dando em seguida o exemplo de vários laboratórios europeus que seguiam esta estratégia, acrescentando «o envio ao estrangeiro de três bolsheiros de radioactividade, impõe que a estes sejam dados os meios necessários para a instalação duma “secção de radioactividade” ora, ainda há pouco meses, não possuíamos um miligrama sequer de rádio». Isto é, há necessidade de garantir as condições para que a investigação aprendida possa prosseguir no país, caso contrário há uma delapidação dos recursos nacionais. Sobre a carreira de investigação sustentava que «os antigos bolsheiros devem poder dedicar-se exclusivamente ao ensino e à investigação, ou até mesmo, só a esta», assumindo a defesa da carreira de investigador em tempo integral. Porque o trabalho na radioactividade e suas aplicações poderia interessar a várias entidades, exemplificava: «O rádio existente no IPO destina-se ao tratamento e à investigação no campo da biologia, as substâncias radioactivas existentes, no futuro na Faculdade de Ciências, visam a investigação no campo da física e da química (...) Os fins são completamente diferentes e os métodos usados também (...) é conveniente que haja — para mútua vantagem — um perfeito entendimento entre os dois laboratórios»; era um recado, ou um remoque, dirigido ao comportamento do director do IPO em relação ao LFIS da FCL [13, p.95].

Para Valadares a investigação científica era de facto a sua actividade profissional e, na altura, ele sabia que só a podia fazer realizar na FCL, pois o país não possuía quaisquer outros laboratórios ao nível das ciências fundamentais. O Director do LFIS era Cirilo Soares que, apoiado na vontade do primeiro bolsheiro que chegara de Paris, consciente que os bolsheiros seguintes também pretenderiam prosseguir os seus trabalhos de pesquisa, se bateu pela ampliação dos espaços laboratoriais, onde se instalaram, em melhores condições, salas com equipamentos de investigação. A pesquisa em Física Atómica e Nuclear era uma realidade ainda muito periclitante que, com o apoio efectivo do IAC, permitiu construir, em princípios de 1940, o Centro de Estudos de Física anexo à FCL. Valadares era o braço direito de Cirilo Soares no Centro, escrevendo este, no relatório de actividade de 1942, «devo ainda registar que na orientação desta actividade de Laboratório muito se deve à dedicada colaboração do Dr. Manuel Valadares, de todo devotado à investigação científica».

Valadares estava atento a todas as oportunidades para continuar o seu trabalho e, em particular, para desenvolver linhas de investigação aplicada. Foi o que aconteceu, a partir de 1936, ao colaborar com o MNAA - também suportado pelo IAC - na análise radiográfica de quadros de pintura antiga, trabalhos fundamentais para levar a bom termo o restauro e a interpretação iconográfica dessas obras e que foram objecto de várias publicações [20]. Ensaiara e aprendera essas técnicas em Paris e agora, em 1938, acompanhando João Couto e Fernando Mardel, integrou a comissão responsável pela instalação do laboratório de restauro do MNAA, o futuro Instituto José de Figueiredo [21, p.544].

No dia 21 de Abril de 1938 casou com Maria de Lourdes Mo-

niz da Costa (Valadares) (1904-1985), bióloga e preparadora contratada na Estação Agronómica Nacional. Maria de Lourdes, natural de Angra do Heroísmo, chegou ao continente em 1926 e, mercê de um subsídio da Junta Geral de Angra do Heroísmo, frequentou na cidade do Porto o atelier do Mestre Teixeira Lopes (1866-1942). Vocacionada para a prática artística, no ano seguinte matriculou-se na Escola de Belas Artes do Porto no curso preparatório com destino ao curso especial de Escultura e em 1930 deslocou-se com uma bolsa a Berlim. Terá sido, muito provavelmente, o contacto em Berlim com o seu conterrâneo Aurélio Quintanilha, catedrático de Botânica na UC, conhecido opositor da ditadura, estagiando com bolsa da JEN na capital alemã, que a deve ter influenciado ao ponto de, em 1933, Maria de Lourdes se ter matriculado no curso de Ciências Biológicas em Lisboa. O seu interesse pelos «efeitos biológicos de exposição à radiação» conduziram-na a uma relação mais próxima com Manuel Valadares a partir de 1934.

### 3. Os anos da guerra e a esperança no pós-guerra

A partir de Setembro de 1939, com a invasão da Polónia pelas tropas alemãs, anunciava-se o estalar da segunda guerra mundial. Portugal, que acabara de assistir, paredes-meias, a um dos conflitos prenunciadores deste embate mundial, a guerra de Espanha, foi bastante afectado por este conflito. O IAC era alvo de medidas excepcionais e, conseqüentemente, os bolseiros, pois muitos deles estagiavam em países envolvidos no confronto e, embora o país içasse a bandeira da neutralidade, reconhecia-se que nessas condições era difícil sustentar uma vida segundo os padrões ordinários e habituais. Assim o organismo que tutelava a actividade científica e os leitorados determinava uma alteração do movimento dos bolseiros: podiam regressar a “casa” e mudar, ou não, de país onde estagiavam. Na atribuição de novas bolsas, previa-se uma conseqüente contenção do número de bolseiros no

estrangeiro, aconselhando-se: primeiro, a escolha de determinados países, a Itália e os países neutros da Europa do Norte; segundo, evitar os países de moeda cara, os Estados Unidos da América, só designados numa situação de importância vital.

Entre Fevereiro de 1940 e Abril de 1941 o casal Valadares estava em Itália, ambos com bolsa do IAC. Maria estagiava no Instituto de Zoologia *Lazzaro Spallanzani* em Pavia e, na mesma cidade, Manuel trabalhou no Laboratório Volta onde completou um estudo que desenvolvera com Francisco Mendes. Em Agosto, já no laboratório de Física do *Instituto di Sanità Pubblica de Roma*, um dos melhor apetrechados de Itália, Valadares familiarizou-se com equipamentos que mais tarde viria a instalar em Lisboa. Segundo uma carta que, pouco tempo depois, escreveu a Ruy Luís Gomes, Valadares esclarecia que a motivação desta viagem não tinha sido essencialmente científica, pois «sentia-se cansado (...) abatido (...) perante todos os aborrecimentos, todos os obstáculos, todas as más vontades» [14, p.107] que se manifestavam e sentia necessidade de recuperar o ânimo longe do seu laboratório. Referia-se certamente ao desalento que o invadira quando constatou como foi impedido de descobrir o elemento 85 da tabela periódica, o astatínio [22] e (ou) o ambiente provocado pelas desinteligências no seio do Núcleo. Em Janeiro de 1941, na capital italiana, o casal sofreu um golpe muito duro: perdeu o primeiro filho. Apesar deste infortúnio, e das dificuldades óbvias de permanecerem num país em guerra, o estágio em Itália correu-lhes cientificamente bem, publicaram os resultados, trouxeram ideias para a sua investigação e recuperaram, em parte, um novo alento para prosseguir os trabalhos em Lisboa.

O regresso dos bolseiros a Portugal, a redução do seu número, isto é, os condicionalismos impostos pela guerra, onde também se incluía a dificuldade de contactos com os grupos



Figura 1 - Postal enviado de Pavia pelo casal Valadares a Manuel Mendes (cortesia de FMSMB / Arquivo Manuel Mendes MNAC).

de investigação no estrangeiro, obrigavam o IAC a concentrar os seus recursos (fracos) em estruturas que serão os futuros centros de investigação. Foram os pequenos grupos relativamente homogéneos, absorvendo os bolseiros residentes, que deram origem à maioria destes centros, anexos às Faculdades. Foi neste contexto que se formaram na FCL um Centro de Estudos de Física (CFL) e outro de Matemática. A partir de 1940, com instalações mais adequadas, iniciou-se o trabalho do Centro que, em cinco anos, sob orientação de Valadares e Marques da Silva, produziu cinco doutoramentos: Francisco Mendes (dissertação entregue, mas não aceite pelo Conselho Escolar) e Lídia Salgueiro (1917-2009) do LFIS da FCL, Marieta da Silveira (1917-2004) do Laboratório de Química da FCL, Carlos Braga (1899-1982) e José Sarmento (1899-1986) do LFIS da FCP. Na actividade do Centro participavam ainda Glaphyra Vieira (1912-1995), Teles Antunes, Amaro Monteiro (1898-1979) e Armando Gibert (1914-1985).

No outono de 1941, depois da partida para um estágio na Universidade de John Hopkins em Baltimore (EUA) de Maria de Lourdes, já grávida do filho de ambos que aí nascerá a 6 de Maio de 1942, recebeu em Lisboa dois fugitivos de Paris invadida pelos nazis, Salomon Rosenblum, a sua origem judaica fazia-o recear o pior, e Jean Perrin, ambos acompanhados de suas famílias. Dois físicos que procuravam exílio nos Estados Unidos — o primeiro, um amigo e colaborador muito próximo, o segundo, um físico por quem tinha uma grande estima e particular consideração — e a quem Valadares prestou ajuda nesses penosos dias que antecederam o embarque no último navio norte-americano que atravessou o Atlântico antes da entrada em guerra dos EUA.

As notícias que chegavam de Paris nesse Inverno de 1941-42 eram muito pouco animadoras, a resistência ao invasor provocava baixas amargas: Fernand Holweck (1890-1941), o primeiro orientador de Valadares no *Institut Curie*, e Jacques Solomon (1908-1942), ambos assassinados pelos alemães, Paul Langevin preso em Janeiro e com residência fixa em Troyes. Irène e Frédéric Joliot-Curie, embora fortemente vigiados, permaneciam em Paris. Valadares em Janeiro de 1942 recebe a visita de um físico austríaco, Guido Beck (1903-1988), que pela sua ascendência judaica tentara refúgio em França, mas o avanço dos nazis obrigara-o a fugir: a UC acolheu-o durante seis meses na qualidade de professor convidado, portador de uma «autorização de residência» temporária. Foram as ligações parisienses de Mário Silva, catedrático em Coimbra, e as de Valadares que levaram Beck, convidado em Coimbra, a oferecer-se para colaborar com o CFL. Incluído na actividade de seminário iniciada neste Centro [23], programou-se uma *Introduction à la théorie des quanta*, cujas lições de Beck foram, devido a intervenção do IAC, proibidas [23, p.79]. Apesar deste fracasso a presença em Lisboa de Beck teve efeitos importantes: o doutoramento em Zurique de Armando Gibert, de 1942 a 1946, e o encontro com Ruy Luís Gomes que originou o *Seminário de Física Teórica na Universidade do Porto* (UP), uma iniciativa original no país e que também mereceu, como se verá, uma influência decisiva de Manuel Valadares.

Beck que nutria um grande respeito pelo trabalho de Valadares, era um físico teórico que já trabalhara com Heisenberg e, antes de passar por Portugal, já ensinara em cidades europeias e americanas, saiu de Lisboa para a Argentina em Maio de 1943, mas ainda a tempo de escrever a Ruy Luís Gomes: «(...) Ontem vi o Valadares. O primeiro caderno da *Portugaliae Physica* já está na tipografia, o segundo poderá incluir o trabalho do Martins [Rodrigues Martins (1914-1994) doutorar-se-á em Física com uma tese orientada por Beck] (...) Valadares leu o projecto sobre o ensino da Física Teórica, far-lhe-á chegar as suas observações a esse respeito» [23, p.169].

A direcção científica do Seminário de Física Teórica no Porto - organizado e iniciado por Beck - foi conseguida devido à colaboração de Valadares, facto sublinhado por Beck numa missiva para Ruy Luís Gomes:

«(...) obter o visto para [Alexandre] Proca (...) antes de poder tomar todas estas medidas, é indispensável obter o acordo de Valadares, que me havia prometido o convite para Proca quando mandei um telegrama para Nova York para obter a bolsa para ele (...) Valadares aceitou renunciar ao convite de Proca para Lisboa, num espírito de perfeita compreensão da situação e das possibilidades do Porto, espírito pelo qual estou bastante reconhecido.» [23, p.169]

Ruy Luís Gomes, que tinha muito apreço pela acção de Valadares e, após o reconhecimento do doutoramento deste em 1942, interessou-se pela sua contratação para catedrático da UP. Proposta que Valadares recusou e cuja justificação consta na carta, anteriormente mencionada [24, p.4], manifestando uma atitude que se pode sintetizar na expressão: «não troco a minha investigação e o rendimento científico do Centro de Física de Lisboa em prol da minha carreira universitária».

A carta escrita por Beck sobre a vinda de Alexandre Proca (1884-1958) sugere que, já no Verão de 1942, Valadares, acompanhado por Marques da Silva e Teles Antunes, pensava organizar um grupo de Física Teórica no CFL, havendo provavelmente contactos com Paris. Não é por acaso que Proca assina um dos artigos de Física Teórica no primeiro número do *Portugaliae Physica*. O editor da revista, Cirilo Soares, traçava os propósitos deste periódico científico no preâmbulo do seu primeiro fascículo: «(...) a necessidade de se criarem os órgãos de publicação desses resultados [de trabalhos científicos] e do estabelecimento de relações científicas tão estreitas quanto possível dos nossos centros de investigação e de seus membros com os meios culturais do estrangeiro». Nesta revista, subsidiada pelo IAC, aparecem como autores os bolseiros do CFL: Carlos Braga, Lídia Salgueiro, Marieta da Silveira, Armando Gibert, Teles Antunes e Manuel Valadares. A iniciativa de edição desta revista já devia, há algum tempo, pairar no espírito de Manuel Valadares, na medida em que o seu amigo e companheiro na luta pela afirmação da investigação científica no país, Aniceto Monteiro, lançara com êxito, em 1937, a *Portugaliae Mathematica*.

Foi no ano de 1943 que o curso da guerra começou a mudar,

contra-atacaram as forças soviéticas e a Itália foi invadida pelos aliados, as forças do eixo iniciaram recuos. Para Valadares o ano de 1943 foi marcado pelos auspícios de algumas alegrias pessoais: a chegada dos Estados Unidos de Maria de Lourdes, terminada a bolsa, na companhia do filho que ele ainda não tivera a felicidade de abraçar. Também neste ano abriu o concurso para professor extraordinário de física na FCL a que concorreram os assistentes doutorados, Valadares, Marques da Silva, Teles Antunes e Amaro Monteiro. Todavia, por razões desconhecidas o concurso nunca se realizou e, até hoje, continuam escondidos os factos que originaram este acto de boicote silencioso que impediu a promoção de investigadores com provas dadas.

Este ano marcou também uma viragem importante na política portuguesa quer a nível interno, quer a nível internacional. Em Dezembro de 1943 constituiu-se o Movimento de Unidade Nacional Anti-Fascista (MUNAF), organização «que viria a contribuir para o recrudescimento da oposição organizada ao Estado Novo». Internacionalmente, entre o princípio do Inverno de 42 e o fim da Primavera de 43, a viragem dos ventos da guerra permitiu vislumbrar a derrota das potências do eixo, o que obrigou a ditadura de Salazar a uma «neutralidade colaborante com os Aliados». A organização e prática política frentistas, onde participavam quase todos os sectores que militavam na oposição, resultava de uma conjuntura favorável vivida pela situação do conflito mundial e pelo descontentamento popular interno que provocava uma crescente onda de agitação social.

Valadares participava neste movimento de oposição e apoiava a sua política, iniciava esta posição a sua ligação com o

grupo de Paris e as suas amizades em Portugal — Manuel Mendes (1917-1969), irmão de Francisco Mendes e conhecido oposicionista, foi um dos seus correspondentes quando esteve em Itália (Fig. 1) — para lá do habitual círculo de trabalho científico. A sua dedicação à investigação e à organização da mesma, a sua postura de homem reservado e ponderado, merecedor de uma grande confiança dos seus colegas de trabalho, a colaboração, embora esparsa, na imprensa cultural oposicionista (e.g. *O Diabo*) não faziam dele um agitador, mas certificavam um homem de convicções com firmeza para a acção. Foi a sua intervenção pública e partidária no pós-guerra que revelou o seu grau de comprometimento político-social.

Após a vitória das forças aliadas em Maio/Agosto de 1945, Portugal viveu uma efémera abertura política e a própria ditadura, aparentando uma certa liberalidade, dissolveu em Outubro a Assembleia Nacional e marcou eleições para Novembro seguinte. Uma movimentação que forçará o Estado Novo a «(...) tolerar a concorrência eleitoral das oposições e a formação transitória de estruturas de apoio à apresentação de tais candidaturas» [25, p.124]. Uma eleição que no dizer do ditador fossem «tão livres como na livre Inglaterra», mas cujo calendário era tão apertado que a oposição, apesar de tentar organizar-se e de um abrandamento da censura na imprensa, rapidamente percebeu que as condições em que agia não garantiam qualquer sucesso político nas urnas. A oposição promoveu uma reunião na noite de 8 de Outubro no Centro Republicano Almirante Reis que deu origem ao Movimento de Unidade Democrática (MUD) e produziu um documento, assinado por uma centena de oposicionistas presentes na sala, manifestando-se contra a falta de condições para de-



Figura 2 - Reunião do MUD: na 1ª fila M.ª Palmira Tito de Morais e M.ª Isabel Aboim Inglês; na 2ª fila da direita para esquerda Dr. Cunhal (pai de Álvaro Cunhal), Dr. Luís Navarro Soeiro, prof. Manuel Valadares; na 4ª fila com a mão na testa Dr. Mário de Castro e à direita deste Vasco da Gama Fernandes. Data: Segunda, 8 de Outubro de 1945 (cortesia de FMSMB / Arquivo Manuel Mendes MNAC).

envolver a sua acção política. Valadares esteve presente e assinou (Fig. 2).

A 22 de Outubro Valadares, entrevistado pelo jornal *República*, expunha algumas contribuições ao programa eleitoral oposicionista sobre a organização e política científicas. Sublinhava a importância de organismos como a JEN/IAC, embora concluísse que o seu objectivo final tivesse falhado, e sustentava a relevância da investigação científica:

«(...) houve uma lamentável curteza de vistas da parte dos nossos governantes (...) impõe-se o envio, em massa, de jovens saídos das nossas escolas para adquirirem, no estrangeiro, uma formação e uma especialização que as nossas universidades se mostram incapazes de fornecer. (...) [as Faculdades de Ciências] exigem uma reforma completa porque, tal como funcionam atualmente, são, quanto muito, liceus de primeira classe. A função que permite distinguir uma Faculdade de Ciências de uma escola secundária – a criação de ciência – tem estado permanentemente, salvo raríssimas excepções, ausente dos objectivos e realizações das nossas Faculdades (...) o progresso social está intimamente ligado e dependente do desenvolvimento da investigação científica».

Muitos foram os bolseiros ou ex-bolseiros do IAC que subscreveram as listas de adesão às propostas do MUD, de tal modo que a amplitude deste movimento de adesão à contestação política ao Governo foi tal que, em conferência de imprensa no dia 24 de Outubro, a Comissão Central do MUD declarou que o número de assinaturas apoiando as posições da oposição excedia as cinquenta mil. O governo ripostou através do Subsecretário de Estado das Corporações e Previdência Social que, num comício de propaganda pró-governamental a 27 de Outubro, verberou a oposição: «(...) onde estão os trabalhos de índole científica dos elementos da oposição, em matéria económica, social, política ou filosófica? (...) Que produziram? (...) seja como for, não exibem títulos à confiança do povo português – ou porque os não possuem ou porque os sonegaram (...)» [26]

Um ataque que deu azo a que o *Diário da Manhã*, órgão do partido governamental, preparasse uma primeira página, dia 29, cujo editorial consistia num ataque directo aos ex-bolseiros, acusando-os de ingratidão para com o Governo. Eram identificados treze bolseiros e apresentava-se a quantia que a JEN/IAC tinha gasto com as bolsas, três deles mereciam notas particulares: Aniceto Monteiro, João Maia de Loureiro e Manuel Zaluar Nunes. Em relação ao primeiro, que tinha saído do país a 28 de Fevereiro para tomar posse, no Rio de Janeiro, do lugar para que fora convidado, insinuava-se que, desde a sua chegada de França, se tinha recusado a dar aulas no país. O *Diário da Manhã* recebeu a resposta de vários visados e, em particular, saiu à liça Manuel Valadares respondendo ao ataque soez de que foi alvo Aniceto Monteiro. O *Diário da Manhã* não publicou esta resposta, obrigando o signatário a solicitar a sua publicação no *República* que sairá a 9 de Novembro. E Valadares esclarecia:

«Regressado ao País e mau grado o valor dos trabalhos

que realizara no estrangeiro, não encontrou lugar no corpo docente de nenhuma das três Faculdade de Ciências do país. Passou então a viver com uma modestíssima bolsa que o IAC lhe concedeu; passados alguns meses, exigiram-lhe, para poder continuar a ser bolseiro, a assinatura de um compromisso político – que pessoa alguma lhe havia imposto ao enviá-lo para o estrangeiro. Tendo-se recusado a assinar um compromisso que repugnava a sua consciência, deixou de ser bolseiro, e a sua vida e a dos seus decorreu, de aí em diante, em condições de dificuldade económica que, por vezes, roçaram pela miséria (...)».

A “Carta de Valadares”, publicada no *República*, constitui um dos documentos de denúncia mais expressivos sobre as cadeias impostas pelo Estado Novo à consciência de muitos trabalhadores, neste caso científicos, e a forma de resistência que era preciso praticar e cujas consequências, neste caso, foram «condições de dificuldade económica que, por vezes, roçaram pela miséria».

No dia 10 de Novembro, surgiu um manifesto público, assinado por dezenas de intelectuais portugueses, de «incondicional apoio ao Movimento de Unidade Democrática, colocando-se, assim, ombro a ombro com o povo, neste momento decisivo da nossa história». A lista de assinaturas era encabeçada por Manuel Valadares, Mário de Castro, Bento de Jesus Caraça, Francisco Mendes, Zaluar Nunes, Marques da Silva, a que se seguiam as firmas de dezenas de individualidades do meio, artístico, literário e científico nacional. Depois de um mês e meio de relativa abertura, após uma manipulação descarada dos resultados eleitorais de 18 de Novembro de 1945, tudo voltou à realidade já conhecida: repressão, perseguição e exercícios da ditadura sem contemplos com a oposição. Toda a informação sobre as tomadas de posição de Manuel Valadares constam de um dos primeiros relatórios do seu ficheiro na PIDE [27].

No pós-guerra de 1945 a embaixada da República Democrática da Jugoslávia (RDJ) era a única legação de um país socialista em Portugal que, como tal, estava sujeita a uma apertada vigilância da polícia política e, ao mesmo tempo, era procurada cautelosamente pela oposição antifascista, especialmente pelo Partido Comunista Português (PCP) no sentido de reatar as ligações com o movimento comunista internacional que estavam cortadas desde as vésperas do conflito mundial. Um estudioso das relações entre a oposição portuguesa e a RDJ, investigando os fundos diplomáticos deste país, detectou relatórios em que o funcionário da embaixada encarregue da ligação com o PCP, informava: «(...) Durante a primeira metade de 1946, o seu elemento de ligação com o PCP vivia na legalidade, por profissão Dr. em Matemáticas, pseudónimo "Sousa" (Manuel Valadares) (...)» [28, p.37]. O compromisso de Valadares com a oposição ao Estado Novo, a sua militância, conduziram-no a ser um homem de confiança do PCP pelo qual passavam as relações internacionais, ou parte delas, deste partido.

A 14 de Junho de 1947, uma deliberação do Conselho de Ministros fazia aplicar o decreto lei n.º 25317, afastando com-

pulsivamente da função pública, isto é, da carreira universitária a grande maioria dos investigadores mais empenhados numa renovação da investigação científica nacional e que em Outubro de 1945 tinham ousado desafiar o Estado Novo [29]. Cirilo Soares ainda protestou contra esta arbitrariedade do poder que feria quase de morte o CFL, mas o Conselho Escolar da Faculdade não o secundou [13, p.103] e, num acto individual de repulsa pelo acontecido, pediu a sua aposentação de professor da faculdade e a demissão de director do CFL, pedidos que foram prontamente aceites. Estas expulsões, envolvendo vários docentes (Valadares foi um deles), teve trágicas consequências para a vida científica nacional, ao ponto de uns anos depois um dirigente do IAC confessar: «[existem centros que] se ressentiram da saída de alguns elementos que eram seus principais animadores e que não tem sido fácil substituir por forma a assegurar eficazmente a continuidade de uma obra que corre o risco de perder-se» [30, p.43].

Para Manuel Valadares, apesar da reclamação escrita enviada ao Conselho de Ministros sobre a natureza arbitrária da prepotência de que fora alvo, não lhe restavam muitas hipóteses, Portugal fechava-lhe as portas, e arriscou lançar mãos dos seus contactos com Paris... acompanhado da mulher e do filho, em Novembro de 1947 estava na capital francesa.

#### 4. O exílio em Paris

Com o aproximar do fim da guerra, mais concretamente com a libertação de Paris no final de 1944, Frederic Joliot-Curie, membro da Frente Nacional Universitária, do Partido Comunista (PCF) e da Resistência, cientista de grande prestígio, foi nomeado pelo Governo Provisório da França director do CNRS - *Centre National de Recherche Scientifique* fundado

em 1939 - e, no final de 1945, Alto Comissário para a Energia Atómica ou dirigente máximo da *Commission à l'Énergie Atomique* (CEA). Irène Joliot-Curie, companheira de Frederic e que partilhara com ele o prémio Nobel em 1936, abandonou a região do Jura (leste de França e fronteira com a Suíça) em finais de 1944 onde se refugiara com os filhos e, já em 1945, assumiu a direcção do *Institut du Radium* [31], sendo também um dos comissários da CEA (os outros comissários eram Francis Perrin (1901-1992) e Pierre Auger (1899-1993), ambos físicos, e Raoul Dautry (1880-1951), ministro da reconstrução). A França preparava-se para pertencer ao clube dos países com poder nuclear.

À chegada dois portugueses aguardavam por Manuel Valadares: João Santos (1913-1987), médico e pedagogo, e o matemático Alfredo Pereira Gomes (1919-2006), ambos compulsivamente afastados das suas funções em Portugal. Não existe qualquer fonte que permita estabelecer os passos concretos dados por Valadares, mas não é difícil supor o que pode ter acontecido. Ao entrar em contacto com a direcção do *Institut du Radium* - instituição com quem mantivera sempre uma ligação científica, e pessoal, bastante estreita - e, perante as tarefas que se colocavam à França na sua reconstrução pós-guerra, incluindo o propósito de pertencer ao grupo de nações com poder nuclear, Irène Joliot-Curie não teve dúvidas em contratá-lo. Tinha trabalhado com ele, conhecia bem os seus resultados científicos alcançados no *Institut* e em Portugal, e a França precisava de cientistas peritos em Física Nuclear. Esta talvez fosse a razão principal para a sua contratação já que Jean Teillac (1920-1994), um colaborador muito próximo de Irène, esclarecia:

«(...) no Institut du Radium, alguns de nós tinham ideias comunistas ou eram membros do PC, outros não. Joliot sempre quis que houvesse um equilíbrio (...) muitas vezes



Figura 3 - Delegação portuguesa ao Congresso Mundial dos Intelectuais para a Paz, Wroclaw, Polónia, 1948. Da esquerda para a direita: Alves Redol, João Santos, Manuel Valadares, Fernando Lopes-Graça e Maria Valadares (cortesia do Espólio de Fernando Lopes-Graça/Museu da Música Portuguesa).

conversámos sobre política, mas nunca houve qualquer tipo de pressão para que um ou outro mudasse de opinião (...) discutíamos, brigávamos uns com os outros de maneira homérica, mas nunca ninguém se ofereceu para me registar ou obrigar-me a pertencer ao Partido (...) no Instituto, Irène não era comunista».[32]

Irène não pertencia ao PCF, o seu anti-fascismo e pacifismo, a sua defesa da função social da ciência faziam dela uma *compagne de route*, mas não uma militante [31, p.209]. Por outras palavras, a contratação de Valadares ficou a dever-se mais à sua competência, aliada às necessidades científicas francesas, do que às suas ligações políticas embora estas abonassem a seu favor.

Valadares começou a trabalhar nos *Laboratoire Curie e Laboratoire de l'Aimant Permanent* durante o estalar da guerra fria, era um período de tensão entre cientistas de posições ideológicas distintas que atingiu a França de um modo particular. O facto de, como membro do PCP, ser em Portugal responsável por algumas ligações internacionais, permitiu-lhe agora, mercê da sua nova situação, estabelecer contactos entre os partidos comunistas português e francês. Foi muito provavelmente devido às suas relações com o círculo científico, e político, dos Joliot-Curie que o endereço parisiense, através do qual Álvaro Cunhal (1913-2005), em 1949, recebia a correspondência de Portugal, era o de Eugénie Cotton [33, p.784], membro do PCF, presidente da União das Mulheres Francesas, grande amiga de Irène Joliot-Curie que também militava nesta organização. Segundo alguns historiadores, Valadares vai ter um papel chave na «ligação fundamental [do PCP] ao PC Francês e, por essa via, ao movimento comunista internacional.» [34, p.582].

Vivia-se o pós-guerra e o poder conferido pela energia nuclear colocava todas as nações em estado de alerta, sobretudo pela capacidade de muito poucos estados poderem exercer um domínio, através de uma nova arma, até aí inexistente. O mundo estava dividido em dois blocos — a ocidente os anglo-americanos e a oriente os soviéticos — antes aliados contra as potências do eixo, agora disputando agressivamente a hegemonia política em diferentes zonas do mundo. Os primeiros já detentores da bomba, assumiam-se como únicos donos «dessa nova energia», os segundos, em vias de construir a nova arma (o primeiro ensaio nuclear da URSS foi em Agosto de 1949). Entretanto, em 15 de Dezembro de 1948, entrou em funcionamento o primeiro reactor atómico francês, o que permitiu à França, integrada no bloco ocidental, desafiar a hegemonia americana no clube nuclear. Se se pensar que um dos grandes artífices deste feito era um membro do Comité Central (CC) do PCF e que, no clima de guerra fria vivido no ocidente, a disputa entre os dois blocos traduzia-se internamente, em cada país, na desconfiança e, ou, perseguição aos partidos comunistas nacionais, enquanto aliados internacionais da URSS, percebe-se a turbulência, ao nível político, que atravessava a França e todo o ocidente.

A memória do cogumelo de fogo que se erguera em Hiroshima e Nagasaki e a capacidade de um apocalipse nuclear

iminente provocado pelos donos da bomba era uma obsessão da época. Também a incapacidade verificada que um organismo internacional controlasse e desmantelasse tal tipo de armamento, deu origem a um movimento à escala mundial para a realização de um Congresso Mundial dos Intelectuais para a Paz e a Livre Circulação das Invenções e Descobertas que se realizou na Breslávia (Wroclaw), Polónia Ocidental, de 25 a 28 de Agosto de 1948. Um movimento acarinhado pelo bloco soviético e sustentado por sectores da esquerda do bloco ocidental.

Reuniram-se nesta cidade polaca cerca de meio milhar de intelectuais vindos de quarenta e cinco países, destacando-se nas suas contribuições os franceses e os ingleses. A primeira sessão foi copresidida por Irène Joliot-Curie e Julian Huxley (1887-1975), este último era o director geral da UNESCO que, em conjunto com a FMTC (Federação Mundial dos Trabalhadores Científicos, fundada em 1946) foram as únicas instituições internacionais participantes neste Congresso. Entre os intervenientes, integrados nas delegações dos seus países, estavam personalidades bastante conhecidas: Pablo Picasso (1881-1973), Jorge Amado (1912-2001), Paul Éluard (1895-1952), Henri Wallon (1879-1962), Ilya Ehrenburg (1891-1967), Anna Seghers (1900-1983), Aimé Césaire (1913-2008), György Lukács (1885-1971). A delegação portuguesa era composta pelo físico Manuel Valadares, o compositor Fernando Lopes-Graça (1906-1994), o escritor Alves Redol (1911-1969), o médico João dos Santos, a médica Hermínia Grijó (1914-1976) e a bióloga Maria de Lourdes da Costa Valadares (Fig. 3). Os trabalhos conduziram à elaboração de um manifesto final que foi aprovado por maioria (alguns delegados ingleses e norte-americanos acharam que a linguagem anti-americana era excessiva e por isso abstiveram-se), apelando à liberdade e independência de todos os povos e sustentado a estreita cooperação entre eles, exortando que cada país promovesse congressos nacionais em defesa da paz e também criasse comissões nacionais para a sua defesa. Na aplicação desta conclusão vão-se empenhar todos os partidos comunistas. Este passou a ser o grande trabalho de intervenção política de Manuel Valadares em Paris e, através dos canais partidários, em Portugal.

Da delegação portuguesa presente na Polónia, todos os seus membros voltariam em breve para Portugal, só Manuel Valadares e Maria de Lourdes, porque já integrados em laboratórios franceses, ficaram em França. Acontece que a actividade político-partidária de Valadares, já identificada pela polícia política portuguesa, acarretaria, em território nacional, o risco de prisão eminente. Razão que, muito provavelmente, impediu a presença, em Fevereiro de 1949, de Valadares em Portugal quando da morte da sua mãe, Maria da Conceição Nogueira Valadares. Foi a quarta e última grande perda pessoal de Manuel Valadares — primeiro o pai, depois o irmão, em seguida o primeiro filho e, por último, sem lhe poder lançar um olhar de despedida, a mãe que sempre o acompanhara.

Desde o final da década de quarenta que a acção política de Valadares estava na mira da PIDE, atestam-no o conjunto de informações profusamente anotadas, dele e do seu círculo

parisiense, coleccionado no arquivo da polícia política [27]. A sua participação nas reuniões internacionais promovidas pelo Conselho Mundial da Paz é devidamente assinalada com informações e denúncias diversas. Um dos primeiros elementos do seu ficheiro é a presença no Congresso Mundial para a Paz ou Congresso dos Partidários da Paz em 20 a 23 de Abril de 1949 em Paris (sala Pleyel) na companhia do escritor Alves Redol. Neste congresso a figura de proa, assumindo a direcção dos trabalhos, foi Frédéric Joliot-Curie que, à margem dos trabalhos e numa reunião reservada a franceses, declarou «se amanhã o governo francês nos pedir para orientarmos o nosso trabalho com o objectivo de provocar uma destruição, responderíamos não!» [11, p.489], afirmação que virá a ter consequências para o Alto Comissário para a Energia Atómica francês. Relembre-se que, no Verão desse ano, os americanos confirmaram os rumores correntes da existência da bomba atómica na URSS.

Em Novembro de 1950, Manuel Valadares e João Santos constituíram a delegação portuguesa ao segundo Congresso Mundial para a Paz que aconteceu novamente na Polónia, agora em Varsóvia, já que os Ingleses se recusaram a acolhê-lo em Sheffield, cidade por onde passou Valadares, segundo informação da embaixada inglesa em Lisboa [27]. Em 1950 foi eleito para o Conselho Mundial da Paz. Em Dezembro de 1952 esteve presente na versão seguinte deste Congresso na cidade de Viena, tendo os americanos informado a polícia política portuguesa do seu percurso até à capital austríaca [27]. Em 1953, resultante de uma reunião do Conselho em Budapeste, foram eleitos mais dois portugueses para esse órgão: Ruy Luís Gomes e Maria Lamas (1893-1983). A propósito desta eleição há troca de correspondência entre Valadares e o matemático do Porto, toda ela violada pela PIDE que a copiou e anexou aos ficheiros policiais.

Mantendo a acção política em torno do Congressos dos Povos para a Paz, Manuel Valadares estava quotidianamente bastante absorvido pela investigação e, ao mesmo tempo, manifestava alguma preocupação em relação à sua situação em França, embora desde 1948 fosse *Maître de Recherches*. O resultado dos seus trabalhos nos *Comptes Rendus* da Academia de Ciências de Paris foi, entre 1950 e 1954, em média, três comunicações por ano. Números demonstrativos da sua dedicação à pesquisa e que eram acompanhados pela manutenção dos seus contactos científicos internacionais, como se prova pela troca de cartas com Guido Beck (uma amizade iniciada em tempos de guerra), a quem confidenciou (Agosto de 1953) a existência «duma fobia geral contra os estrangeiros (...) talvez eu próprio venha a ser obrigado a pedir-lhe ajuda para encontrar trabalho em qualquer lugar do mundo! Sinal dos tempos!» [23, p.318]. Era um desabafo esclarecedor do estado de coisas: a qualidade da sua investigação não estava em causa, contudo, em termos globais, as consequências da guerra fria na política interna da França afectavam o meio académico e científico.

No início da década de cinquenta a Academia e a Ciência francesas sofreram uma grande agitação devido à revogação de Frédéric Joliot-Curie de Alto Comissário para a Energia

Atómica provocado pelas suas tomadas de posição políticas enquanto membro do PCF. O que implicou também a não renovação, como comissária do mesmo organismo (CEA), de Irène Joliot-Curie e o conseqüente afastamento de lugares de decisão dos cientistas do seu círculo. Este afastamento provocou efeitos diversos, por exemplo a redução do financiamento de projectos e o facto de alguns dos seus colaboradores serem preteridos na atribuição de bolsas. Julga-se ser esta a situação expressa por Valadares a Beck, sobretudo quando havia que entrar em conta com o problema da nacionalidade. Sobre as profundas mudanças que estavam a acontecer em França, cite-se, a título de exemplo, «a chegada [à CEA] de Maurice e Louis Broglie, de Leprince-Ringuet e Thibaud — os quatro bastante afastados dos meios associados à Frente Popular e à Resistência, mais ligados, pelo menos dois, a Vichy» [11, p.489].

Foi no contexto acabado de descrever que se podem interpretar as razões de comportamento pessoal que provocaram a censura feita pelo CC do PCP a Manuel Valadares [35] e por alguns historiadores datada de 1953 [34, p.693], onde se apontava: «declínio na actividade» partidária e «falta de empenho», sugerindo, como eventual causa, «a agudização da repressão aí, (...) sobre os elementos revolucionários, particularmente a expulsão de muitos elementos estrangeiros, e o receio (...) de também poderes vir a ser expulso». E o órgão dirigente exortava: «Porque te conhecemos desde longa data [estamos] certos que tu irás procurar vencer estas deficiências do teu trabalho e [satisfarás] as tarefas que a Direcção do Partido te coloca». Daqui se conclui sobre a importância do trabalho partidário de Valadares em Paris, isto é, desde a sua chegada até ao fim da década de cinquenta ele devia ser o representante do PCP em França e junto do PCF; por ele passariam muitos dos contactos internacionais do PCP, o que implicava um conjunto de tarefas burocráticas relativamente complexas e morosas que o obrigavam, em relação à sua profissão, a um grande esforço adicional [34, p.693]. Um esforço de que se ressentiu o seu trabalho partidário pela situação particular que atravessava e que o obrigava a uma dedicação profissional mais cuidada e persistente. Sublinhe-se ainda que o PCP, só a partir da década de sessenta, organizou o seu aparelho exterior em vários países pertencentes ao bloco soviético, continuando Paris a ser importante para a circulação com as cidades desse bloco.

Apesar da vigilância exercida pela PIDE sobre a actividade de Valadares no que diz respeito aos Congressos dos Povos para a Paz e as suas ramificações no interior do país (a Comissão Nacional para a Defesa da Paz, autora de moções assinadas por dezenas de personalidades), o jornal *República* publicou no dia 5 de Fevereiro de 1954 uma notícia encimada pelo título, «No caso particular de Portugal a utilização da energia nuclear poderá constituir um processo excepcional de o País recuperar o tempo perdido e elevar o seu progresso industrial ao nível dos países mais industrializados — diz-nos o Prof. Manuel Valadares». O respectivo recorte com os devidos sublinhados e anotações está presente no processo policial.

A saída abrupta de Valadares em 1947 e a sua vinda para Paris, integrando-se na equipa dos Joliot-Curie, deixou em Portugal um rasto de boas memórias: nos seus ex-colaboradores, nos antigos alunos e nos companheiros de intervenção cívica. Alguns dos antigos colegas do laboratório, devido ao desfalque provocado pelas demissões compulsivas (o CFL foi o mais afectado), sobretudo os que aí permaneceram, Lídia Salgueiro e José Gomes Ferreira (1923-1992), mantiveram-se em contacto com ele, tal como foi testemunhado no doutoramento *Honoris Causa* que, depois do 25 de Abril de 1974, lhe foi atribuído pela UL: «(...) se não fosse o auxílio que Valadares sempre prestou de longe, a investigação científica do laboratório [de Lisboa] teria provavelmente soçobrado a seguir às demissões de 1947.»[36]

Nos contactos epistolares, e sobre matérias de natureza científica, a PIDE (com a anuência do Correio-Mor) não se eximia em violar a correspondência [27]. Antigos alunos interessados na investigação em Física, e cientes da impossibilidade de praticá-la em Portugal, aventuravam-se a saltar a fronteira e dirigiram-se a Paris apoiados por bolsas do Instituto Francês em Portugal. Concorriam para esta procura a grande influência da cultura francesa na universidade portuguesa e a presença prestigiante de Manuel Valadares no laboratório parisiense. Exemplos desta aventura podem ilustrar-se com os casos de João Luís Andrade e Silva (1928-2017) e José Sant'Ana Dionísio (?-?): o primeiro, embora em Paris trabalhasse e se doutorasse com Louis de Broglie, após a sua chegada em 1953 integrou-se no círculo de amizades de Valadares (a sua correspondência vai ser violada); quanto ao segundo, trabalhou com Rosenblum e Valadares, sendo este o seu orientador do doutoramento na Sorbonne (Maio de 1963) [37]. Sant'Ana Dionísio conviverá e contactará diariamente com Manuel Valadares e a PIDE violou de uma forma sistemática as cartas que enviou para Portugal, particularmente as dirigidas ao seu pai, o professor e escritor José Augusto Sant'Ana Dionísio (1902-1991), sublinhando todas as referências a Valadares.

Em 1957, Valadares passou a *Directeur de Recherches*, sendo o primeiro estrangeiro a alcançar esta posição no CNRS. Uma promoção que demonstrava a apreciação sobre a sua investigação. Em 1959 desapareceu um dos seus grandes companheiros de trabalho, Salomon Rosenblum, Valadares foi o autor do seu obituário [38] e sucedeu-lhe como director do *Laboratoire de l'Aimant Permanent de Bellevue*. Em 1962 este laboratório fundiu-se com o grupo de *Séparation Isotopique et Spectrométrie de Masse* dando origem ao *Centre de Spectrométrie Nucléaire et de Spectrométrie de Masse*, mantendo-se o mesmo director.

Apesar de ser uma personagem não grata ao regime e, como tal, fortemente vigiado, Valadares assinou um artigo no jornal *República* publicado em 15 de Junho de 1959, no rescaldo das eleições de 1958, «A Reforma das Faculdades de Ciências». O texto, preenchendo completamente a página nove, propunha-se analisar: «Sem a pretensão de esgotar o assunto, apontarei alguns dos mais importantes: 1) uniformidade ou diversidade das três Faculdades [de Ciências]; 2) deveres

e direitos dos membros do corpo docente; 3) número de anos das licenciaturas e possibilidades concedidas aos alunos.» Passados dois meses, e no mesmo jornal, Valadares publicou a 24 e 25 de Agosto um segundo artigo onde, tal como escreve nos primeiros parágrafos, procurou contribuir para o esclarecimento de uma revisão de «todo o sistema de acesso às funções docentes, a começar pelo acto de doutoramento que guarda ainda entre nós um carácter puramente medieval». Nos dois textos uma das tónicas de análise é o estudo comparativo entre a resposta do sistema nacional e o que se passava na Europa mais desenvolvida sobre as questões em apreço.

Na década de sessenta a actividade politico-partidária parece ter diminuído, ao nível da vigilância a que habitualmente estava submetido constam menos informações. Há referências a jantares comemorativos do aniversário da implantação da República, tomadas de posição contra o Estado Novo e manifestações a favor da independência das colónias (transcrições de intervenções na Rádio Portugal Livre e Rádio Moscovo). Todavia há a destacar um “Pedido de Captura” feito pela PIDE, datado de 22 de Fevereiro de 1962 [27].

Em 1966 a Academia de Ciências de Paris atribuiu-lhe o prémio “La Caze” como reconhecimento da importância dos seus trabalhos de espectrometria da radiação  $\alpha$ . Um prémio que é atribuído a várias disciplinas científicas e já fora ganho na Física, entre outros, por Pierre Curie, Jean Perrin e Paul Langevin. Nesse mesmo ano foi-lhe recusado pelo governo português, através do consulado em Paris, a renovação do seu passaporte e de toda a sua família (mulher e filho), uma medida de retaliação extrema que o colocava na situação de apátrida e os impedia de circular por qualquer país. Este facto obrigou-o a pedir a cidadania francesa que lhe será atribuída, a ele e sua família, em Setembro de 1967. Todos os anos, desde que saíra do país, Valadares tinha que renovar o passaporte da família e, com toda a certeza, o Cônsul Geral de Portugal em Paris deveria solicitar à PIDE informação para o respectivo procedimento e, nesse ano, a polícia, eventualmente como consequência do “Pedido de Captura” já emitido, optou por uma medida que implicava privá-lo da cidadania portuguesa.

Ainda não cidadão francês, mas como *Directeur du Centre de Spectrométrie Nucléaire et de Spectrométrie de Masse*, em Bordéus no dia 22 de Maio 1967, Manuel Valadares fez a alocação de abertura de um Colóquio de Física Nuclear. Cumpria-se nesse ano o primeiro centenário do nascimento de Marie Curie e o director, que fora um jovem português de 26 anos estagiário no *Institut du Radium*, lembrou não só a cientista, sua orientadora de trabalho, e o compromisso desta com a sociedade, como também a sua filha Irène, colega de laboratório ao longo de 25 anos e desaparecida há dez, terminando a alocação com as palavras seguintes: «As duas mulheres, mãe e filha — tão diferentes em aspectos diversos — ambas estavam bastante conscientes da pesada responsabilidade que é carregada sobre os ombros dos cientistas face ao futuro da humanidade e, sabendo disso, quando chega a hora, não se esquivam às suas responsabilidades». A

cópia desta locução consta do seu ficheiro policial [27].

Caminhava-se para o final da década de sessenta, praticamente um quarto de século depois do fim da segunda guerra mundial. Em 1968 ocorreram importantes abalos políticos. Internacionalmente aconteceu a “primavera de Praga” e a resposta inflexível do bloco soviético — sinalizadora da incapacidade de introduzir alterações num mundo que 20 anos depois vai colapsar —, estalou o “Maio de 68” e um cortejo de posições de forte contestação social ao *status quo* e ao modo de vida da Europa desenvolvida — a fragmentação política da esquerda e a incapacidade desta em propor uma via que respondesse à crise —, assistiu-se também à escalada da guerra do Vietname e ao desenvolvimento da luta anticolonial. O ano de 1968 foi um ano de crise... uma crise suspensa na complexidade e diversidade de soluções. Em Portugal, nesse mesmo ano, substituindo o velho ditador, começou a governar Marcelo Caetano (1906-1980), presenciou-se um recrudescimento da guerra colonial e também da luta anticolonial, aquilo que politicamente aparentava (no início) uma atmosfera primaveril, rapidamente se transformou na invernia conhecida: aumento da repressão e incapacidade de resolver a crise profunda do Estado Novo, mau grado o uso, com alguma frequência, da expressão “democratização do ensino” [6, p.808].

Em meados de 1968 Valadares pediu a sua demissão de director do laboratório. Livre de cargos directivos, reservou os últimos anos de actividade para se dedicar só à investigação. Em 1969 foi-lhe atribuído pelo Director do CNRS o título de *Directeur Honoraire du Centre de Spectrométrie Nucléaire et de Spectrométrie de Masse* — este era o modo de o estado francês premiar a qualidade e dedicação do investigador. Neste ano nasceu o primeiro neto do casal Valadares que preparava-se para uma vida mais tranquila do que fora a sua actividade de investigação e luta contra a ditadura do seu país natal. Em Portugal não se tinham esquecido os seus contributos científicos e foi num imperativo de responsabilidade, depois de um contacto intermediado por António da Silveira (em memória de «os antigos combatentes dos tempos heróicos»), que respondeu, em Novembro de 1970, a Veiga Simão (1929-2014), Ministro da Educação de Marcelo Caetano:

«A vossa carta, que o nosso colega António da Silveira fez o favor de me transmitir, sensibilizou-me profundamente (...) Aceitarei com muito gosto — e como um imperativo de ordem moral — ir a Lisboa trocar impressões consigo bem como com outros físicos e só lamento que o meu actual estado de saúde não permita transformar imediatamente o desejo em realização. Espero, porém, no começo do próximo ano, poder aceitar o vosso amável convite o que será para mim motivo de muito prazer.» [39]

E na mesma folha constam os comentários do Ministro: «Convite formulado a Valadares para regressar à Universidade. Motivos de saúde e da esposa impedem o regresso. Continuemos a tentar». A “troca de impressões” não se concretizou, contudo talvez se devesse ao empenho de Valadares o facto de João Andrade e Silva e Alfredo Pereira Gomes

regressarem do estrangeiro e ingressarem como docentes na Faculdade de Ciências de Lisboa em 1972, a escasso ano e meio do fim da ditadura. Por esta altura, no princípio dos anos setenta, liberto das obrigações diárias do laboratório e iniciando a sua reforma, Manuel Valadares deu azo à sua veia artística e começou a olhar a natureza através da paleta de aguarelista.

Com o 25 de Abril de 1974 cumpriram-se os quase 27 anos de exílio que a pátria lhe impusera, perseguindo-o, dando-lhe ordem de prisão, recusando-lhe a cidadania e agora, sob o grito de “Viva a Liberdade!”, a pátria abria-lhe as portas ao regresso ou, sem apagar as marcas do passado, a visitar o país e à oportunidade de muitos reencontros. A visita que fez à sua cidade natal foi curta, talvez só uma (finais de 1976, princípios de 1977), achaques da idade impediram o casal de estar em Portugal no período de muito Sol (era o que lhes aconselhava a memória), passaram por cá no Outono. Valadares regressou a Paris, entretanto fora eleito membro honorário da Sociedade Portuguesa de Física e, a Presidência da República, reconhecendo os altos serviços por ele prestados ao país, agraciou-o em 1 de Junho de 1979 com o grau de Grande-oficial da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada. A UL, que o deixara sair em 1947, concedia-lhe, a 15 de Fevereiro de 1981, o grau de doutor Honoris Causa, «(...) ao mesmo tempo que resgata uma dívida de gratidão, presta homenagem ao cientista ilustre de renome internacional e ao homem de grande integridade de carácter.» [36]. Em todas estas cerimónias, Manuel Valadares, eventualmente por já se encontrar doente (as cartas a Armando Gibert dão conta dos males de saúde que afectavam o casal [40]), não esteve presente e fez-se representar. O Estado e a Universidade procuraram reparar as atitudes persecutória e repressiva de que fora alvo, contudo não lhe devolveram o passaporte negado em 1966 e nunca o esclareceram sobre o facto de não se ter realizado o concurso, oficialmente aberto, para professor extraordinário em que ele foi um dos oponentes...

Em 31 de outubro de 1982, com 78 anos de idade, Manuel Valadares morria em Paris, ficando sepultado no *Cemitério Père-Lachaise*.

No ano seguinte, o anfiteatro de Física da Faculdade de Ciências onde se licenciara, o edifício da velha Escola Politécnica, na actualidade o Museu Nacional de História Natural e da Ciência, numa cerimónia realizada a 9 de Março [40], passou a designar-se por *Anfiteatro Manuel Valadares*.

## 5. Agradecimentos

Aos colegas Luís Carolino, Luís Saraiva, Marcial Rodrigues e Quintino Lopes pela leitura, comentários e propostas de correcção do texto.

## Referências

- [1] Manuel Valadares, A obra científica de Jean Perrin. Lisboa: Livraria Francesa, 7 (1943).
- [2] Quintino Lopes, A Europeização De Portugal Entre Guerras: A Junta de Educação Nacional e a Investigação Científica. Lisboa: Caleidoscópio (2018). Em 1936 este organismo sofrerá várias alterações e passará a designar-se por Instituto para a Alta Cultura (IAC).
- [3] Cristina Faria, As Lutas Estudantis Contra a Ditadura Militar, 1926-1932. Lisboa: Edições Colibri (2000).
- [4] Augusto Fitas (coord.), Cultura Científica e Neo-Realismo (Cadernos Nova Síntese). Lisboa: Edições Colibri, 109-132 (2019).
- [5] Comissão do Livro Negro Sobre o Regime Fascista, Os Estudantes No Regime Fascista - 1º Volume. Lisboa: Presidência do Conselho de Ministros, CLNSRF (1983).
- [6] Rómulo de Carvalho, História Do Ensino Em Portugal Desde a Fundação Da Nacionalidade Até Ao Fim Do Regime de Salazar Caetano. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian (1987).
- [7] Este organismo foi criado pelo decreto nº16381 de 16 de Janeiro de 1929, assinado por Gustavo Cordeiro Ramos (1888-1974), embora toda a sua génese tenha sido arquitetada pelo ministro anterior, Duarte Pacheco.
- [8] Arquivo do Instituto Camões: 0486/10
- [9] Manuel Valadares, Recordações do Laboratório Curie. O Diabo, 270 (27 de Janeiro de 1940).
- [10] António João Cruz, O início da radiografia de obras de arte em Portugal e a relação entre a radiografia, a conservação e a política. Conservar Património, 11: 13-32 (2010).
- [11] Michel Pinault, Frédéric Joliot-Curie. Paris: Éditions Odile Jacob (2000). As traduções para português de citações em francês são da responsabilidade do autor do artigo.
- [12] Michel Winock, O Século Dos Intelectuais. Lisboa: Terra-mar - Editores, Distribuidores e Livreiros (2000).
- [13] Manuel Valadares, O Laboratório de Física da Faculdade de Ciências de Lisboa, sob a direcção do Prof. Dr. A. Cyrillo Soares (1930-1947), e a investigação científica. Gazeta de Física, II(4): 93-106 (1950).
- [14] Júlia Gaspar, A investigação no laboratório de física da Universidade de Lisboa (1929-1947). Lisboa: dissertação do Mestrado em História e Filosofia das Ciências (2008). <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/3443>. (Editada em 2009 sob a chancela do CIUHCT).
- [15] Decreto Lei n.º 25317, de 13 de Maio de 1935.
- [16] Decreto Lei n.º 27003, de 14 de Setembro de 1936.
- [17] António da Silveira, Recordando António Sérgio. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa Instituto de Altos Estudos (1976).
- [18] Fernando Bragança Gil. Núcleo de Matemática, Física e Química: uma contribuição efémera para o movimento científico português. Boletim da SPM, 49: 77-92 (2003).
- [19] (1939), "Núcleo de Matemática, Física e Química", Fundação Mário Soares / DBC - Documentos Bento de Jesus Caraça. Disponível HTTP: [http://hdl.handle.net/11002/fms\\_dc\\_54056](http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_54056) (2023-9-15)
- [20] Editor, Manuel Valadares (1904-1982). Portugaliae Physica, 13: VI (1982).
- [21] Joana Baião, José de Figueiredo, 1871-1937. Acção e contributos no panorama historiográfico, museológico e patrimonialista em Portugal. Dissertação de Doutoramento em História de Arte, FCSH (UNL) (2014).
- [22] Arquivo do Instituto Camões: 0488/11.
- [23] Augusto Fitas e António A.P. Videira, As Primícias da

- Física Teórica em Portugal: Uma Aventura com um Final Triste. In Fitas, A.J. e António A. P. Videira, Cartas entre Guido Beck e Cientistas Portugueses. Lisboa: Instituto Piaget (2004).
- [24] Lúcia Salgueiro, Vida e obra de Manuel Valadares. Gazeta de Física, VI: 2-12 (1978).
- [25] Fernando Rosas, As Grandes linhas da evolução institucional. In Joel Serrão e A.H. Oliveira Marques (dir.). Nova História de Portugal. Vol. XII. Lisboa: Editorial Presença: 86-143 (1992).
- [26] O Século, 28 Out. 1945.
- [27] Arquivo Nacional Torre do Tombo: PIDE/DGS SC SR 229/47 NT 2592.
- [28] Jorge Pessoa Santos Carvalho, A Jugoslávia nas encruzilhadas do 25 de Abril. Dissertação para doutoramento em História na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (2018).
- [29] Ana Simões, O ano 1947 e o Laboratório de Física da Faculdade de Ciências de Lisboa. Gazeta de Física, 34 (2): 16-21 (2011).
- [30] Amândio Tavares. O Instituto de Alta Cultura e a Investigação científica em Portugal (vol. I). Lisboa: IAC (1951).
- [31] Louis-Pascal Jacquemond, Irène Joliot-Curie/ biographie. Paris: Éditions Odile Jacob (2014).
- [32] <https://archive.wikiwix.com/cache/index2.php?url=http%3A%2F%2Fwww.histcnrs.fr%2Farchives-orales%2Fteillac.html#federation=archive.wikiwix.com&tab=url> (TN).
- [33] José Pacheco Pereira (2001). Álvaro Cunhal, uma biografia política (vol.2). Lisboa: Temas e Debates.
- [34] João Manuel Martins Madeira, O Partido Comunista Português e a Guerra Fria: "sectarismo", "desvio de direita", "Rumo à vitória" (1949-1965). Dissertação para Doutoramento em História Institucional e Política Contemporânea na FCSH-UNL (2011).
- [35] Arquivo Nacional Torre do Tombo: PIDE/DGS SC GT 168 NT 1395.
- [36] Documento depositados na SPF.
- [37] Gazeta de Física, IV(5): 158.
- [38] Nuclear Physics, 15: 189—198 (1960).
- [39] Documento pertencente a parte do espólio disponível do Prof. Doutor José Veiga Simão, que está à guarda da Fundação AIP, incluído em um dossier de "Memórias - Cartas a Veiga Simão: Período 1970-1974".
- [40] Espólio de Armando Gibert (Proveniente da Família de Armando Gibert /Museu Nacional de História Natural e da Ciência [MUHNAC]).

O autor escreve segundo a antiga ortografia.



Augusto Fitas, professor (aposentado) de Física e de História e Filosofia da Ciência na Universidade de Évora, investigador do IHC-*cehfc* (UE). Autor de vários artigos científicos em revistas nacionais e internacionais, destacando as seguintes obras: *O Princípio da Menor Acção: uma história de Fermat a Lagrange*; (em colaboração) *Filosofia e História da Ciência no Portugal do século XX* e *Cartas entre Guido Beck e Cientistas Portugueses*; (coordenador) *Cultura Científica e Neo-Realismo*.